

Masculinidades e Religiosidade: o Anticlericalismo nas Ilustrações da Revista *O Olho da Rua*¹

Jéssica Lange de DEUS²
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

O presente trabalho busca por meio da pesquisa bibliográfica e da hermenêutica, analisar como as masculinidades dos membros do clero, estão representadas na mídia impressa paranaense do início do século XX. Partindo dos princípios dos Estudos Culturais e de sua vertente, os Estudos de Gênero, foram escolhidas para análise três ilustrações da revista *O Olho da Rua*, que foi publicada de 1907 a 1911 em Curitiba, no Paraná. A partir desse estudo, é possível perceber que a postura adotada pela revista é anticlerical, ou seja, se opõe ao clero, assim, os padres, frades, entre outros religiosos, tem suas masculinidades relacionadas com a força e a autoridade. Desse modo, a mídia impressa trabalha como uma forma de disseminar e contribuir para a consolidação de estereótipos, comportamentos e modelos, sugeridos para homens e mulheres, se constituindo como um lugar de memória.

Palavras-chave: masculinidades; revista; gênero; identidade; mídia.

Considerações iniciais

O início do século XX foi marcado por intensas mudanças, trazendo avanços tecnológicos significativos para a comunicação, como as prensas que possibilitavam impressão em maior quantidade e também colorida, de jornais e revistas, como é o caso da *O Olho da Rua*. Os ilustradores procuravam detalhar por meio de imagens, caricaturas, carrancas, charges entre tanto outros desenhos, os acontecimentos que marcavam Curitiba, no Paraná. Fatos estes ligados à política local, a literatura, personalidades e, ao anticlericalismo.

Damos destaque nesse trabalho à postura anticlericalista d'*O Olho da Rua*. O anticlericalismo foi um movimento intelectual que procurava debater as doutrinas e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, email: jessica_lgdd@hotmail.com.

³ Orientadora. Professora do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

questionar as instituições religiosas, que dominavam principalmente o ensino no início do século XX. A revista mostrava de forma crítica e humorística, os flagras que envolviam padres, frades e demais membros do clero. É comum folhear o periódico e notar que os mesmos eram representados como fanfarrões, gordinhos, contrabandistas, agressores, carregando bebidas, ou seja, pegos em momentos mundanos que iam contra ao que se esperava de um homem religioso. Segundo Marilda Queluz (1996, p.114), “o teor anticlerical de seus desenhos se voltavam ao que considerava a hipocrisia do clero, tanto no plano político, como na traição aos preceitos religiosos; à sua vida devassa, à corrupção”.

A mídia impressa contribui para a construção dos gêneros e identidades, colaborando para a edificação de comportamentos tidos como masculinos ou femininos na sociedade. Os papéis sociais designados a homens e mulheres são como regras impostas socialmente, as quais buscam dizer como cada indivíduo deve se vestir, se relacionar, se comportar perante os outros. Não há dúvida que as representações de gênero do início do século XX são diferentes das do século XXI.

Somente com a expansão dos Estudos Culturais, fundados por Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams que, temas que até então eram deixados de lado por serem considerados de baixa cultura, como as representações de gênero, começaram a ganhar espaço nos estudos científicos se tornando o principal foco de investigação e análise dos Estudos Culturais na atualidade (ESCOSTEGUY, 2006).

A masculinidade é definida por Robert William Connell (2013), como uma prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, portanto ela pode ser variável. Em cada cultura, os homens são educados de maneiras diferentes, desde pequenos eles são cobrados a terem atitudes relacionadas à força, a dominação e a virilidade, tudo indo vem para auxiliar na construção das identidades. Para que se possa entender como o gênero masculino é construído, deve-se levar em consideração a economia, história e sociedade de cada época.

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar como as masculinidades dos membros do clero são representadas nas ilustrações da revista curitibana *O Olho da Rua*, do início do século XX. Partindo do princípio que a revista, como lugar de memória, assume posicionamento anticlericalista, pretende-se aqui verificar como essas masculinidades se aproximam do modelo hegemônico. Contribuir para a reflexão sobre a construção de gênero masculino no Paraná também é um objetivo desta investigação.

Estudos Culturais: relações entre gênero e masculinidades

A concepção dos Estudos Culturais se deu a partir de uma abordagem multidisciplinar e crítica da cultura, que então, passa a ser vista como uma prática social, legitimando até mesmo a cultura popular que por muito tempo foi deixada de lado. De acordo com Escosteguy (2006) o campo dos Estudos Culturais surgiu de forma organizada por meio do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra pós-guerra.

O Centro, fundado por Richard Hoggart em 1964, possibilitou que fossem realizados trabalhos de pesquisas envolvendo literatura, antropologia, comunicação, psicologia, entre tantas outras vertentes do conhecimento, contribuindo para a transformação do pensamento acadêmico. Um dos grandes representantes do CCCS foi o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall, o qual investigou assuntos que até meados dos anos 1950 eram deixados de lado por serem considerados da baixa cultura ou não eruditos como, por exemplo, os meios de comunicação e as práticas de resistência.

Na década de 1970, os Estudos Culturais deram mais um passo importante, pois começaram a abordar questões relacionadas aos Estudos de Gênero. O movimento feminista foi um grande impulsionador para a proliferação de pesquisas nessa área, contribuindo com debates e também reflexões sobre identidades, hierarquias sexuais, subjetividades entre outros assuntos. Segundo Joan Scott (1995), as feministas buscavam provar que o gênero poderia ser uma categoria analítica, pelo fato de ser uma construção social, e não algo imanente ao indivíduo.

Quando pensarmos na palavra “gênero” logo a relacionamos com oposições, homem *versus* mulher, masculino *versus* feminino, entre tantas outras. Porém, essa palavra tão utilizada atualmente em estudos que envolvem o feminino, levanta questões muito mais complexas. Ao conceito de gênero são atrelados comportamentos e regras que buscam naturalizar e ao mesmo tempo orientar atitudes dos indivíduos na sociedade.

Para Tereza de Lauretis (1994), as concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Podemos perceber que o conceito de gênero ultrapassa as relações entre homens e mulheres, sendo visto como um sistema que engloba a economia, a sexualidade, a família, o estado, a classe, a raça etc.

Com relação às identidades, Stuart Hall (2001) afirma que não há uma identidade única e estável, como se acreditava no passado. Assim, existem várias identidades que são fragmentadas e até mesmo contraditórias,

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2001, p. 13).

A pesquisadora Guacira Lopes Louro (1997), propõe que para compreender o gênero, é necessário vê-lo como um componente da identidade dos sujeitos. Na opinião da autora, a identidade é um termo bastante complexo, que pode ser interpretado por meio de diferentes perspectivas, pois, deve-se considerar que os sujeitos têm identidades múltiplas, plurais e que se transformam. Assim, as “práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos” (LOURO, 1997, p. 25).

Para Zygmunt Bauman (2005), a formação da identidade é como um quebra-cabeça incompleto, no qual faltam muitas peças, porém, não se tem como saber quantas. Cada indivíduo teria uma determinada quantidade de peças, mas que não sabe qual imagem deverá formar com elas, não sabe também, se possui as peças corretas ou se encaixou no lugar certo. Ao longo da vida, vamos tentando encontrar as peças corretas que vão formar nossa identidade, para isso, muitas vezes testamos algumas pecinhas para ver se encaixam.

Sobre a masculinidade, Connell e Messerschmidt (2013), a definem como uma prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Para tanto, é necessário compreender que o conceito de masculinidade só pode existir em correlação ao feminino e vice-versa. Assim, normalmente existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 188). Dada esta pluralidade, não deveríamos falar em masculinidade, mas em masculinidades.

Dentre as diversas masculinidades existentes, existiria uma que se apresentaria como sendo hegemônica, ou seja, um modelo ideal, soberano e padronizado de masculinidade, no qual os homens deveriam se encaixar. Um exemplo de modelo hegemônico disseminado em nossa sociedade é o do homem heterossexual, branco, provedor, de classe superior, forte e viril. Assim, segundo Connell e Messerschmidt (2013), as demais masculinidades, vistas como periféricas/marginais, seriam concorrentes, subordinadas ou afirmadoras dessa.

Sabemos que as masculinidades são plurais e que devem ser analisadas da mesma forma, considerando seus amplos aspectos. Para Pierre Bordieu (2009), existem três

instâncias principais que atual na construção do gênero, neste caso, o masculino, são elas: “a Família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes” (BORDIEU, 2009, p. 103). A igreja seria a reguladora dos valores de uma família, pois, em certas épocas, procurou justificar a hierarquia de autoridade baseada no patriarcado, ou seja, na autoridade que o pai exerce sobre a família, impondo a visão de que a mulher era inferior ao homem.

Assim como outros fatores que auxiliam na construção da identidade e consequentemente na construção das masculinidades, a religiosidade ocupa um papel importante na formação dos indivíduos. Segundo Lemos (2008),

A religião exerce uma força singular no projeto desta construção, contribuindo para constituição e manutenção da forma como os homens e mulheres devem agir socialmente. Os discursos e práticas religiosas têm a função de estruturar a masculinidade, dando ao homem a semelhança eterna com a divindade, desde que se exerça a masculinidade imposta pela religião (LEMOS, 2008, p.4).

Por muito tempo, aos homens foram atribuídos papéis relacionados com a religião. A eles foi incumbida à função de líder religioso, como é o caso dos bispos, cardeais, padres e também, o papa. Fazer parte do clero era um ‘privilégio’ que somente os homens poderiam ter. O poder participar deste grupo seletivo estaria relacionado com a crença da existência da ‘superioridade’ masculina em tomar decisões sobre questões que envolvessem sentimentos, pois as mulheres teriam um lado ‘frágil’, sendo mais sensíveis com as situações. O homem que aceitasse essa atribuição deveria ser determinado, ter pulso firme.

Esse cenário não se modificou com o tempo, e as mulheres continuam não podendo ocupar determinados cargos religiosos, principalmente na Igreja Católica. Historicamente, a tradição católica ressalta que a ordenação sacerdotal é destinada para os homens pelo fato de que isso está instituído bíblicamente. Jesus, como representante da salvação, escolheu os seus doze apóstolos, sendo todos estes homens, para que dessem continuidade a sua pregação. Do mesmo modo, Deus, em nossa tradição, é uma figura masculina.

Para Fernanda Lemos (2008, p. 11), “tentar compreender a masculinidade sob o prisma da religião é perfeitamente possível e necessário, se considerarmos a influência histórica e social que a religião exerce sobre a realidade dos sujeitos”. Nesse sentido, os homens integrantes do clero, deveriam ter atitudes dignas, que não incentivassem o pecado ou a tentação. Eles não poderiam se envolver com bebedeiras ou com mulheres, nem ter ganância por bens materiais, de modo geral, deveriam ser bons para as pessoas e terem

atitudes respeitadas, afinal, assumiam postura de exemplo para as demais pessoas. Portanto, pais, bispos, etc., deveriam comportar-se de forma adequada e respeitosa, do contrário, colocariam em jogo sua imagem e também a da própria igreja.

Com relação à representação, Roger Chartier (1991, p. 183), aponta que “mesmo as representações coletivas mais elevadas só tem existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos”. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel da mídia em representar os gêneros, seja feminino ou masculino. Essas representações ao mesmo tempo em que derivam das atitudes e valores de cada sociedade, são também responsáveis por reforçar tendências de comportamento e incentivar a instauração de novos valores.

A revista como lugar de memória

Para identificar a construção de gênero e a representação das masculinidades na revista *O Olho da Rua*, é preciso levar em conta que o meio impresso é tido como lugar de memória contemporânea. A imprensa serve como base para estudos de variados assuntos, devido às suas articulações sociais, econômicas e culturais. Fora isso, a mídia exerce um papel importante, não apenas no sentido de reproduzir conteúdos, mas também em registrar os fatos. Com esse registro é possível ter acesso a matérias publicadas há muitos anos, conhecer fatos e até mesmo perceber como eram os comportamentos daquela sociedade. Como afirma Ecléa Bosi (2009, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.

Já Pierre Nora (1993), no texto *Lugares da Memória*, diz que a memória não é mais espontânea, mas produzida. Para ele, vivemos o fim das sociedades-memória e das ideologias memória, que indicavam que deveria se reter o passado para preparar o futuro. Nora (1993) define o conceito de ‘lugares de memória’ que, para ele, vão desde o objeto material e concreto, ao mais abstrato e simbólico. Dessa forma, os lugares de memória são locais, que podem ser materiais ou imateriais, em que a memória de uma sociedade se solidifica e pode exercer papel fundamental na formação da identidade de um povo.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...] E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p.13).

Neste ponto, como afirma Le Goff *apud* Frias (2010), a memória é sempre reconstruída, reinventada e nunca se opõe ao esquecimento. Ela se relaciona com a mídia em vários sentidos, principalmente se pensarmos em questões como o registro/retrato de um acontecimento. Assim, mídia e memória estabelecem conexões entre o indivíduo e a coletividade.

As masculinidades na revista *O Olho da Rua*

De acordo com o *site Revistas Curitibanas*, a *O Olho da Rua* foi criada no início do século XX, sendo publicada de 1907 a 1911 em Curitiba, no Paraná. Cada publicação possuía aproximadamente 30 páginas, quase todas contendo imagens. A capa era sempre ilustrada, e no interior veiculavam temas como política, anticlericalismo, literatura e música, quase todos sob uma abordagem humorística e crítica.

O clericalismo e o anticlericalismo travaram embates no início do século XX. Os anticlericais questionavam as doutrinas e hierarquias religiosas, especialmente a católica, e também as instituições de ensino, coordenadas pelo clero, que se propagavam no Paraná. Segundo Queluz (1996), a *O Olho da Rua* se posicionava contra a vinda dos religiosos estrangeiros que chegavam ao Estado com o intuito de liderar os colégios religiosos. A revista buscava ‘abrir’ os olhos do leitor, para que pudesse ver as desconposturas praticadas pelos membros pelos sacerdotes.

Para tal estudo foi escolhida como base a perspectiva hermenêutica, que se constitui como um método interpretativo de análise. A etimologia da palavra hermenêutica remete ao grego *hermeneuein*, interpretar, ou *hermeneia*, interpretação. Segundo Sirlene Cristófano (2009) a hermenêutica, em seu significado técnico, se explica como a ciência e a arte da interpretação bíblica, surgida a partir da Idade Média, que tinha como objetivo possibilitar aos fiéis uma verdadeira compreensão da mensagem divina. Com o passar do tempo esse método foi ampliado, de modo que atualmente pode ser aplicada nos mais diversos objetos de investigação.

Para a análise foram selecionadas três imagens. A primeira, figura 1, foi a ilustração da página, da edição número, da revista *O Olho da Rua*. Nela percebemos que quem assina é o ilustrador Sá Christão, que era um dos pseudônimos utilizado por Mário de Barros. Há claro intuito da revista em criticar os padres, monges, frades etc., que eram vistos bebendo pela cidade, no início do século XX.

Figura 1: Revista *O Olho da Rua*, nº 54, 1909



Fonte: Biblioteca Pública do Paraná

Na Figura 1, há um frade representado. Ele segura uma garrafa de bebida, chamada Champagne de Cajú, elevando-a próximo ao rosto como se quisesse mostrá-la para alguém. O título da ilustração: ‘Mais uma prova’, se liga com as inscrições abaixo da ilustração:

(sic) ‘Irmãos. Devo esta abençoada <champagne de Cajú> (da casa Manoelito) a minha salvação!... Se eu tive forças para correr ante a tremenda tunda que levamos dos alumnos do Gymnasio, só devo á <champagne de Cajú>, há este vinho sagrado, que até dá forças às pernas!! Irmãos. Quem quiser ter saúde, gordura, paz de espírito e disposição para correr é só usar nas refeições a salutar <champagne de Cajú>, da casa Manoelito, ali á rua de São Francisco junto à Delegacia Fiscal.

Com isso percebemos que o frade associa o uso da bebida com sua força para correr, da surra que levaram dos alunos do Ginásio Paranaense, que era uma escola religiosa, onde religiosos eram responsáveis por cuidar e educar as crianças. Isso possivelmente aconteceu por conta de algum desentendimento entre os frades e os alunos, os quais, em várias ilustrações da revista, aparecem beliscando, chicoteando, maltratando os estudantes.

Damos destaque à questão da bebida relacionada com a masculinidade. Ela está, muitas vezes, ligada com a virilidade, com a força. Segundo Nascimento (2015), o beber masculiniza: “assim como dizer para os amigos que teve muitas relações sexuais é uma forma de se apresentar como “mais homem”, beber e, em alguns casos, beber muito, pode ser também uma forma de parecer do mesmo modo (NASCIMENTO, 2015, p.3). Portanto, beber é uma forma de provar a masculinidade. Segundo Elizabeth Badinter (1993), a frase “prove que você é homem”, é um desafio permanente na vida dos homens. Eles buscam

essa prova por meio de atitudes que envolvem coragem e até mesmo violência, procurando sempre se distanciar de características femininas como o choro e a emoção.

A bebida, na Figura 1, é tida como um combustível, como algo bom, tanto que na descrição ela é elogiada, elevada ao patamar de ‘salvação’, que o tirou da enrascada com os alunos. Com ela o frade ficou com mais ‘força nas pernas’ para correr, fugir da situação. De acordo com Sanches (2014), o consumo de álcool está presente em diversas sociedades desde o início da civilização, sempre acompanhado por práticas culturais. Isso se intensificou após o desenvolvimento do processo de destilação, quando as bebidas passaram a ter um maior teor alcoólico e a serem produzidas em série.

A embriaguez nunca foi vista com bons olhos pela sociedade, em especial, se tratando de um frade, ele estaria agindo justamente ao contrário do que se esperava para um religioso: que fosse recatado, sem vícios. A revista *O Olho da Rua*, representa o personagem se entregando ao ‘prazer’ de uma bebida alcoólica. Podemos relacionar isso com a masculinidade hegemônica, onde todos viveriam em busca de atingir o padrão do ‘ser homem’, incluindo, os religiosos. Nas palavras de Oliveira *apud* Sanches (2014, p.58) “a mídia associa características de masculinidade hegemônicas, como virilidade, ao consumo de álcool. Essa estratégia instiga muitos homens ao consumo de álcool a fim de demonstrar ter e de reafirmar características de masculinidade”. Seria uma forma de mostrar que antes de ser frade, ele era um homem ‘comum’.

Já na Figura 2, assinada por Herônio, que era outro pseudônimo utilizado por Mário de Barros, um frade é flagrado agredindo uma criança com um beliscão. Muitas das críticas anticlericais presentes n’*Olho da Rua* voltavam-se à atuação dos religiosos no ensino.

Figura 2: Revista *O Olho da Rua*, nº 58, 1909



Fonte: Biblioteca Pública do Paraná

Há na ilustração um forte tom de denúncia, com relação aos religiosos que agrediam os alunos. É perceptível a reação da criança ao ser agredida: seu olhar parece assustado, com medo, ao mesmo tempo, não reage, pois o frade era maior e conseqüentemente, mais forte. Nessa época, início do século XX, era comum que as crianças estudassem em colégios onde os membros do clero eram os responsáveis pela educação. Tanto que, muitos desses frades, padres, entre outros, eram enviados da Europa para dar aulas no Brasil.

De acordo com Queluz (1996), nesse tipo de colégio os regulamentos eram fortes, ou seja, a disciplina era imposta pelo castigo, com vara de marmelo ou chicote. Quem ousasse desobedecer, seria agredido sem dó. Nesse aspecto, a masculinidade do frade, se relaciona com a violência, a dominação por meio da força. Há também a questão da superioridade religiosa, afinal, o sacerdote era a autoridade dentro da escola e ninguém deveria desafiá-lo. Ele, então, utiliza-se dessa autoridade para maltratar a criança. Segundo Sócrates Nolasco (1993), há uma crença de que as atitudes combativas e agressivas incorporadas pelos homens são atributos biológicos e que, por isso são inatos ao ser.

Assim como a agressividade, o uso da força como meio de dominação também é uma característica da masculinidade hegemônica, discutida por Connell e Messerschmidt (2013). Para Santos (2010, p. 60), “a todo momento, o homem tem que provar a sua masculinidade, que se manifesta, principalmente, por atos de violência”. Esses aspectos fazem parte da cultura patriarcal, que prevalecia no início do século XX, onde o homem seria o responsável pela família, o mantenedor, o ‘chefe da casa’, a autoridade máxima, e a mulher seria sua subordinada, responsável pelo cuidado dos filhos e do marido assim como do bem estar do lar.

Para Bordieu (2009), a escola é um lugar de regulação, que dita o que pode e o que não pode ser feito etc. Isso vai ao encontro da frase na Figura 2, onde se lê: “(sic) Lição de catecismo (leia-se: muque) no collegio dos santos frades da Praça da Republica. Exercícios puramente sagrados; não offendem o coração dos alumnos, pois deixam ecchymoses d’este tamanho...”. A revista compara a lição de catecismo ao muque, à lição que o frade está dando no menino por meio da força. Diz também, ironicamente, que estes são exercícios ‘sagrados’ e que não ofendiam os alunos, pois deixavam hematomas do mesmo tamanho.

Segundo Queluz (1996), essas charges e ilustrações relacionadas com o clero na revista *O Olho da Rua*, denunciavam o objetivo ‘sagrado’ de abrir uma escola, como outra forma de arrecadar dinheiro. Tanto que, em várias imagens, de diferentes edições da revista,

se nota que os ilustradores representam os religiosos com sacolas/malas de dinheiro. Os mesmos são estereotipados como gordinhos, o que seria sinônimo de fartura.

Na Figura 3, observamos que há um diálogo entre dois padres. Sabemos que são padres pelas vestimentas tradicionais pretas e também pelo chapéu.

Figura 3: Revista *O Olho da Rua*, nº 31, 1908



Fonte: Biblioteca Pública do Paraná

Na conversa se lê:

- (sic) – Olhe, meo caro, cuidado com os damnados anticlericaes, são capazes de querer ver de que côr é a tua banha.
- Não tem perigo: valho quanto peso e sou capaz de enviar para o reino do senhor, uma dúzia só de uma vez...
- Assim seja. Amem...
- Amem...

O padre, a esquerda da ilustração, diz para o outro que ele deve ter cuidado com os anticlericais, os quais pareciam querer matá-lo. Ele ainda faz referência à cor da banha do padre ‘gordinho’, nesse sentido, a banha é sinônimo de fartura, ele estaria farto por estar se beneficiando dos roubos de dinheiro praticados pelos membros do clero naquela época, em especial nas escolas. De acordo com Queluz (1996), na revista *O Olho da Rua*, os ilustradores frequentemente apelidavam os padres de ‘ratos de sacristia’, ‘urubus’, ‘abutres’ e ‘aves de rapina’, por conta de suas atitudes mundanas e corruptas.

Continuando o diálogo, o sacerdote à direita da ilustração, responde que vale o quanto pesa e que poderia mandar para o reino do senhor, uma dúzia de pessoas de uma só

vez. Ou seja, ele ameaça quem o ataca, com sua autoridade de religioso. Segundo a tradição católica, os padres são ministros de Cristo, exercendo a função de intermediários entre o povo e Deus. Eles seriam os únicos que poderiam interpretar a leitura da Bíblia e também os responsáveis por designar as penitências aos fiéis após a confissão. No geral, as pessoas respeitam a figura do padre, pois este seria um homem escolhido por Deus. Por conta dessa ‘autoridade’ que a igreja os concedeu, muitos acabavam extrapolando e usando isso de forma imprudente. Por ele ter um contato mais ‘direto’ com o Senhor, ele teria o direito de condenar as pessoas que o ofendessem.

Na ilustração, o padre estereotipado como gordinho, aparece rindo da situação, como se não se importasse com as ameaças dos anticlericais, não demonstrando qualquer medo ou receio. Sua masculinidade se relaciona com a coragem, com a força e também com a virilidade, todos esses, aspectos da masculinidade hegemônica. Segundo Badinter (1993, p. 4), “a virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos ‘fabricada’”. Portanto, o homem seria como um artefato, que vai sendo moldado socialmente, conforme costumes e tradições de cada povo. Por mais que o personagem fosse um padre, ele não se distancia do modelo predominante de masculinidade do início do século XX, que era o patriarcado.

Notamos que os personagens da Figura 3 estão usando chapéu. Esse item do vestuário, comum no início do século XX, também está relacionado à masculinidade, pois poderia indicar a classe social e até mesmo a personalidade de quem o estivesse usando. De acordo com Gabriela Lenzi (2014), homens que exercem poder como o papa, padres, policiais entre outras autoridades, utilizam esse acessório. Este seria um elemento que os diferenciaria dos demais homens. Lenzi (2014) afirma que o chapéu é um elemento simbólico e que, “sua presença na composição do *look* determina identidade e sinais que comunicam sem necessitar de uma única palavra proferida (LENZI, 2014, p.2)”.

Com isso, percebemos que as masculinidades são construídas com base em vários aspectos como: a religião, a época, a tradição, os costumes, a economia, a cultura local etc. Nesse contexto, a religiosidade seria uma das peças do quebra-cabeça que compõe a identidade masculina. Ela auxilia no processo de instauração de valores que serão vigentes na sociedade, atuando também como reguladora do que pode ou não pode ser feito/dito.

Considerações finais

Foi com o advento dos Estudos Culturais, mais especificamente dos Estudos de Gênero, que objetos, antes classificados como baixa cultura, como a revista *O Olho da Rua* puderam ser analisados. A revista colaborou para a construção das masculinidades e feminilidades no início do século XX, trazendo um olhar crítico e humorístico sobre os fatos que envolviam os membros do clero.

A revista é um lugar de memória, o qual permite que tenhamos acesso a conteúdos como as ilustrações aqui investigadas, que foram publicadas no início do século XX. Como afirma Bosi (2009), a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Portanto, pela memória, “o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 2009, p. 47).

No estudo, percebemos que o homem religioso foi representado, como devasso e até mesmo profano. Para Queluz (1996), a ironia presente nas charges da revista se voltou para os sacramentos, para o ensino religioso, para o chamavam de hábitos mundanos desses religiosos. Assim, “o anticlericalismo do *Olho da Rua* assume, portanto, o papel de reafirmação da liberdade individual, do patriotismo e das convicções republicanas” (QUELUZ, 1996, p. 125).

Em uma única ilustração podemos perceber várias identidades e masculinidades. A representação dos padres e frades se relaciona com o modelo de masculinidade hegemônica e com o modelo patriarcal, pois buscavam provar, por meio da força, virilidade, autoridade e até mesmo violência, que eram ‘machos’, antes de se qualquer outra coisa. Não se pode negar que as instituições religiosas configuram e reforçam tendências para a construção das masculinidades, inclusive do próprio clero.

É notável a busca da revista pela desmistificação do padre como sujeito sem pecado, puro, livre de qualquer maldade. A *O Olho da Rua*, procura mostrar que os padres eram homens que erravam assim como os demais, que gostavam de bebidas alcoólicas, que não tinham total controle sobre a raiva que sentiam quando os alunos os desobedeciam no Ginásio Paranaense, ou seja, ilustravam os membros do clero de forma oposta ao que se esperava deles, que fossem exemplos para a sociedade.

Conforme assevera Badinter (1993), a masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem, assim, “se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar [...] o que se construiu pode,

portanto, ser demolido para ser novamente construído (Badinter, 1993, p. 29)”. Portanto, fica cada vez mais difícil recorrer a modelos pré-formatados para se referir a masculinidades e feminilidades. Ambos os gêneros vêm se libertando dessas amarras de estereótipos, conquistando espaços sociais que antes eram tidos como de um ou de outro.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 266p. Tradução de: L’identité masculine.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 6ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 15ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, n 11, 1991.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2013000100014/24650>> Acesso em 27fev. 2016.

CRISTÓFANO, S. **Hermenêutica e literatura**: aportes para a interpretação e compreensão do mundo. Diálogo e Interação, Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio – PR, vol. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos37.pdf>> Acesso em 13 mar. 2016.

ESCOSTEGUY, A. C. **Os estudos culturais**. 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf> Acesso em 08 fev. 2016.

FRIAS, A. C. F. de. **Mídia, memória e história**. Mnemosine Revista. Vol. 1, Jan/Jun. 2010. 153 – 167.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAURETIS, T. de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEMOS, F. **A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea.** 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/294050127/LEMOS-Fernanda-a-Representacao-Social-Da-Masculinidade-Na-Religiosidade-Contemporanea>> Acesso em 5 jul. 2016.

LENZI, G. P. **Simbolismo e personificação:** uma história entre chapéus e ideias. 11º Colóquio de moda 2015. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/11-Coloquio-de-Moda_2015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-3-SIMBOLISMO-E-PERSONIFICACAO.pdf> Acesso em 26 mar. 2016.

LOURO, G. L. **A emergência do gênero.** In: Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179p.

NASCIMENTO, P. **Beber como homem:** Dilemas e armadilhas em etnografias sobre gênero e masculinidades. 2015 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v31n90/0102-6909-rbsoc-31-90-0057.pdf>> Acesso em 08 jul. 2016.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NORA, P. **Entre história e memória:** a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

QUELUZ, M. L. P. **Olho da Rua:** o humor visual em Curitiba (1907-1911). 1996, 198 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://acervo.ufpr.br/>> Acesso em 5 jul. 2016.

SANCHES, A. C. F. **Bebo sim e estou vivendo:** Qualidade de vida, masculinidade, padrões de consumo de álcool e representações sociais de bebida alcoólica para homens usuários de Unidade de Saúde da Família. 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/13546513-Universidade-federal-do-espirito-santo-programa-de-pos-graduacao-em-psicologia-mestrado-em-psicologia-ana-claudia-ferreira-sanches.html>> Acesso em 08 jul. 2016.

SANTOS, S. C. M. dos. **O modelo predominante de masculinidade em questão.** Revista de Políticas Públicas. São Luís, v.14, n.1, p. 59-65, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/352/771>> Acesso em 9 de mar. 2016.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, nº 2, jul/dez. 1995. P. 7-99. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 5 fev. 2016.

Revistas Curitibanas. Disponível em: <<http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/>> Acesso em 2mar. 2016.